



ÁFRICA : EUROPA

COOPERAÇÃO ACADÉMICA

ALÍCIA BORGES MÅNSSON : ALÍCIA LOPES
ARAÚJO : ANDRÉ CORSINO TOLENTINO :
ÂNGELA SOFIA COUTINHO : ANTÓNIO A. DA
GRAÇA : ANTÓNIO DO ROSÁRIO OLIVEIRA
: CARLA SÁ : CARLOS CARDOSO : CARLOS
LOPES : CARLOS ROCHA : CLARA CARVALHO
: CLÁUDIA LEITÃO : CRISTINA MONTALVÃO
SARMENTO : DIETER NEUBERT : EUGÉNIO
SILVA : FÁTIMA MONTEIRO : FILIPE ZAU :
GABRIELA TEJADA : IOLANDA ÉVORA : JORGE
BRITO : JORGE CARLOS FONSECA : JOSÉ
FORTES LOPES : JÚLIO PEDROSA : LÍGIA
ÉVORA : MARIA DA GRAÇA CARVALHO : MARIA
EMÍLIA CATELA : MARIA JOÃO ALBERNAZ :
MÁRIO FRESTA : NARCISO MATOS : PAULINO
LIMA FORTES : PIERRE FRANKLIN TAVARES :

FRIEDRICH
EBERT
STIFTUNG



GOETHE-INSTITUT
PORTUGAL
INSTITUTO ALEMÃO



Universidade de Coimbra

© Fundação Friedrich Ebert

Título original

África-Europa: Cooperação Académica

Organizadores

*André Corsino Tolentino, Angela Sofia Coutinho,
Markus Wochnik, Nancy Curado Tolentino,
Reinhard Naumann e Sónia Borges*

Capa

Daniel Barradas

Composição

Alfanumérico, L.^{da}

Impressão

Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, L.^{da}

Depósito legal n.º 282 483/08

ISBN: 978-989-8005-04-5

FUNDAÇÃO FRIEDRICH EBERT

Av. Sidónio Pais, 16-1.º D.º

1050-215 Lisboa

e-mail: info@feslisbon.org

Telef. 21 357 33 75/21 357 34 93 • Fax 21 357 34 22

Uma cooperação académica e científica internacional em prol do avanço do desenvolvimento em África*

GABRIELA TEJADA¹

A cooperação académica e científica internacional, que contribui grandemente para a circulação de conhecimentos, tem um papel chave no avanço do desenvolvimento.

Enquanto factor de desenvolvimento, o fluxo dos conhecimentos apoia-se na interacção entre os domínios técnico, institucional e empresarial. Os migrantes qualificados têm um papel fundamental no ajustamento e na integração destes factores, em especial na promoção do relacionamento entre grupos e indivíduos produtores de conhecimento científico e tecnológico à escala mundial e também na qualidade de propagadores de conhecimentos gerados no(s) seu(s) país(es) de origem.

Se levarmos em consideração, por um lado, a pequena quantidade de investigações levadas a cabo nos países do Sul e a fragilidade dos seus sistemas de produção, mas também o facto de que a maioria dos conhecimentos e das informações são criados nos países industrializados do Norte antes de circularem nos países menos desenvolvidos do Sul, enquanto, por outro lado, os

* Tradução do Francês para o Português de Ângela Sofia Coutinho.

¹ Doutora, École Polytechnique Fédérale de Lausanne.

fluxos de migrantes qualificados circulam em geral no sentido oposto, o conhecimento sob a forma de educação e de investigações científicas ou tecnológicas, adquiridas e/ou até produzidas pelos migrantes qualificados no seu país de acolhimento é, sem dúvida, um catalisador importante do desenvolvimento.

Enquanto em África se encontra uma parte importante dos países mais pobres do mundo, ou seja, 49% da população total vivendo abaixo do nível de pobreza (PNUD, 2003), uma das principais características dos fluxos migratórios actuais no interior ou no exterior de África é a grande mobilidade internacional dos indivíduos qualificados vindos da África a sul do Sahara para os países desenvolvidos (OIM, 2005). Por conseguinte, os estudantes e os cientistas africanos que vivem na Europa, que constituem uma fonte de conhecimentos, de ideias e de competências de um grande valor para os seus países de origem, têm um papel importante a desempenhar no debate sobre a cooperação académica entre a África e a Europa.

Segundo o Instituto de Estatística da UNESCO (2003), os países em vias de desenvolvimento integram 79% da população mundial, mas somente 27% do total de investigadores científicos. De acordo com as informações obtidas por este Instituto, os países industrializados têm em média dez vezes mais investigadores por cada milhão de habitantes que os países em vias de desenvolvimento. Segundo a UNESCO, nos países mais industrializados 4400 indivíduos em cada milhão são investigadores; esta densidade é 63 vezes superior à de África. De acordo com certas estimativas, um terço dos cientistas e engenheiros dos países do Sul expatriaram-se nos países do Norte onde produzem conhecimentos, enquanto nos países menos avançados, as necessidades em investigação e em desenvolvimento ultrapassam amplamente as capacidades nacionais.

No entanto, as opiniões relativas aos efeitos da migração qualificada mudaram ao longo das últimas décadas; é muito mais ampla-

mente reconhecido que estas migrações podem criar vantagens potenciais para o Sul e não somente perdas. Por exemplo, as transferências financeiras dos migrantes para os seus países de origem constituem hoje em dia um elemento essencial das estratégias de redução da pobreza. Os montantes transferidos pelos trabalhadores migrantes podem, com efeito, ser muito importantes. Segundo a OIM (2005), calcula-se que em 2002, o equivalente a 4 biliões de dólares foram oficialmente transferidos para a África a sul do Sahara, uma quantia que representa uma parte não negligenciável do PIB dos países africanos. O caso de Cabo Verde é particularmente interessante: os fundos transferidos pelos migrantes atingem os 75 milhões de dólares por ano, ou seja, 12,5% do PIB do país. Noutros países, como a Eritreia, as remessas dos emigrantes são mais elevadas que a ajuda oficial ao desenvolvimento recebida pelo país. A OIM salienta a necessidade de levar em conta as vantagens que representam estas remessas para o desenvolvimento.

Em paralelo ao envio destas remessas, as competências e o *savoir-faire* técnico dos migrantes que possam compensar as falhas dos países de origem podem também contribuir de forma consequente para o avanço do desenvolvimento. A este propósito, foram instalados em África alguns programas de organismos internacionais, como por exemplo o programa Migrações para o Desenvolvimento em África (MIDA), que utiliza os pareceres dos peritos da diáspora africana para desenvolver projectos a nível local e encoraja os expatriados africanos a investir em África, ou ainda o programa TOKTEN do PNUD, que incentiva os expatriados a colaborar com os seus países de origem através de missões de consultoria. Estes programas dão à diáspora africana a possibilidade de reinvestir as suas competências, os seus recursos financeiros ou outros, através de formas de reembolso temporárias, a longo prazo ou virtuais para a sua região ou país de origem. Há outras iniciativas, como a plataforma AfricaRecruit, que negocia com a diáspora africana as formas de contribuir para o reforço das capacidades em África.

Readquirir os conhecimentos e as competências dos cientistas, engenheiros e técnicos africanos instalados fora do continente e utilizar e desenvolver os talentos disponíveis localmente são duas estratégias complementares que devem ser adoptadas para afinar uma abordagem global de *brain gain* para o continente africano. A este propósito, qual será o papel da cooperação académica e científica Norte-Sul? Nos dias que correm, ela representa um mecanismo que estimula o ensino superior e a investigação ao serviço do desenvolvimento. Vários programas académicos e científicos de parceria Norte-Sul permitiram que se melhorasse a qualidade da investigação nas universidades africanas e contribuíram dessa forma para o desenvolvimento de África. Esta abordagem é comumente admitida pela grande maioria dos actores da cooperação científica internacional, envolvidos em vários programas académicos e científicos europeus e internacionais a favor da investigação e do desenvolvimento. Alguns exemplos são: o Instituto de Investigação para o Desenvolvimento (IRD) em França; a Comissão Universitária para o Desenvolvimento na Bélgica, financiada pela Direcção-Geral do Desenvolvimento e da Cooperação; o Conselho Neerlandês de Desenvolvimento da Assistência à investigação (RAWOO); ou, no Reino Unido, o Departamento para o Desenvolvimento Internacional (DFID).

Na Suíça, o Fundo Nacional da Investigação Científica e a Direcção do Desenvolvimento e da Cooperação (DDC) associaram-se para instalar dois grandes programas de cooperação científica para o desenvolvimento: primeiro através do lançamento de um pólo nacional de competências (Centro Nacional Norte-Sul de Competências em Investigação) que agrupa equipas universitárias suíças e várias instituições académicas e centros de investigação em África, na Ásia e na América Latina; e depois através do lançamento da segunda fase do programa de parceria científica com os países em desenvolvimento, em finais de 2005.

Numa parceria Norte-Sul, a qualidade científica implica um reconhecimento mútuo das competências e das complementaridades. Neste sentido, a visão de parceria é desenvolvida pelo «Guia da Parceria Científica com os Países em Desenvolvimento», com 11 princípios de parceria científica publicados por edicto pela Comissão Suíça para a Investigação Científica com os Países em Desenvolvimento, que visam melhorar a qualidade da colaboração entre investigadores do Norte e do Sul. Hoje em dia, os 11 princípios servem de referência no domínio do encorajamento da investigação para o desenvolvimento na Suíça.

Os programas internacionais de cooperação académica e científica constituem corredores importantes que permitem a circulação de estudantes internacionais e de pessoas qualificadas entre o centro e a periferia, e torna-se portanto necessário reflectir sobre os seus papéis específicos de forma a encorajar uma estratégia de *brain gain* que seja proveitosa para toda a África, para a Europa e para os próprios migrantes qualificados.

Os programas que facilitam a transferência e a circulação Norte-Sul de recursos humanos, de conhecimentos e de competências, devem contribuir para o reforço das competências científicas das instituições africanas, permitindo também o enriquecimento dos estudantes e investigadores europeus ao ser-lhes dada a oportunidade de levar a cabo as suas pesquisas ou de trabalhar num laboratório em todos os domínios académicos, científicos, técnicos, institucionais, sociais e culturais.

Actualmente, os desafios e as oportunidades da migração qualificada na cooperação académica e científica entre a África e a Europa são mais importantes do que nunca. Seja qual for o mecanismo utilizado para desenvolver esta cooperação, o seu objectivo global deve ser o de contribuir para o avanço do desenvolvimento em África.